



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

**NÍVEIS DE PERCEÇÃO DE TRANSPARÊNCIA DO PREFIXO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO SOB A ÓTICA DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA**

Thays Ferreira Alves

Rio de Janeiro
2023

THAYS FERREIRA ALVES

**NÍVEIS DE PERCEPÇÃO DE TRANSPARÊNCIA DO PREFIXO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO SOB A ÓTICA DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA**

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na habilitação
Português-Literaturas.

Orientador(a): Isabella Lopes Pederneira

Rio de Janeiro
2023

CIP - Catalogação na Publicação

A474n Alves, Thays Ferreira
Níveis de percepção de transparência do prefixo no
Português Brasileiro sob a ótica da Morfologia
Distribuída / Thays Ferreira Alves. -- Rio de
Janeiro, 2023.
44 f.

Orientadora: Isabella Lopes Pederneira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2023.

1. Estrutura de palavras complexas. 2. Interface
Sintaxe-Semântica na formação de palavras. 3.
Reanálise semântica de prefixos. I. Pederneira,
Isabella Lopes, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

AGRADECIMENTOS

Ao longo de toda a minha jornada foi preciso enfrentar muitos obstáculos, tais como os inúmeros problemas com o transporte, as despesas com os materiais e a alimentação e, sobretudo, a pandemia da Covid-19. Foi preciso muita força para não desabar a qualquer momento e muita dedicação para me manter inteira e participativa em todas as atividades que a universidade exigia. Por essas razões, agradeço primeiramente a Deus por estar sempre ao meu lado em cada dificuldade, ajudando-me a nunca desistir.

Obrigada a todo o corpo docente da Faculdade de Letras da UFRJ por terem contribuído na minha aprendizagem, através da transmissão de conteúdos, dicas e compartilhamento de experiências.

À minha orientadora, Professora Isabella Pederneira, por todo conhecimento que me proporcionou ao longo de todo o curso. Foram três matérias, muitos trabalhos orientados e diversas participações em eventos científicos, responsáveis por me fazer encarar minha ansiedade e meus medos. Toda a paciência, criatividade e, às vezes, broncas foram essenciais para a minha formação como profissional e como futura pesquisadora.

Também gostaria de agradecer às professoras que acompanhei no estágio obrigatório, Giselle e Tatiana, por terem me instruído em meu primeiro contato com a sala de aula. E a todos os meus alunos que fizeram parte desse processo inesquecível.

Agradeço às minhas amigas da escola, Ana Clara, Mylena e Kyanne, por todas as conversas e por terem sido minhas primeiras alunas quando precisavam passar de ano. Aos meus amigos do preparatório, Rafaela e Gustavo, por terem enfrentado essa tensão de entrar na faculdade junto comigo e por terem lidado com diversos surtos nesse percurso. A minha amiga da faculdade Rafaela, que dividia comigo o desespero de entregar os trabalhos de última hora e tentava me acalmar nas situações de crise.

Sou grata, sobretudo, à minha família. A meus pais Angela e Wanderlei por todo o auxílio, tanto financeiro quanto emocional, e por sempre terem acreditado em mim. Eu nunca teria conseguido sem o sacrifício de vocês. Agradeço também aos meus irmãos, Paulo Victor e Luana, por todo apoio e divertimento quando eu mais precisava. À minha avó Clea, por toda reza nos momentos mais importantes e por toda fé que depositou na minha capacidade. A todos os meus tios e primos, por terem sido fundamentais no meu caminho até aqui. Por fim, ao meu namorado Gabriel por todo seu amor, companheirismo e incentivo quando eu achava que não conseguiria, e também por ter aguentado meus desabafos diários com muito carinho. Amo todos vocês!

“A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos.”

Marcel Proust

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo relacionar a teoria da gramática com a explicação para formação de palavras complexas composicionais e idiomáticas, considerando a reanálise morfológica proveniente da derivação por prefixação e sufixação. Há dois modelos de Gramática construcionistas em Gramática Gerativa possíveis para analisar dados de reanálise estrutural em palavras: a Morfologia Distribuída – MD – (MARANTZ, 1997) e a Exoesqueletal (BORER, 2003). O modelo assumido neste trabalho é a da Morfologia Distribuída, que faz uma distinção entre o significado da unidade composta por uma raiz mais um categorizador - arbitrário - e unidades compostas por recategorizações desta primeira palavra - composicional. Além disso, há ainda palavras complexas que podem passar por reanálises estruturais, devido a mudanças linguísticas que ocorrem na passagem de uma geração de falantes nativos a outra, resultando em leituras idiomatizadas. Sendo assim, estudaremos famílias de raízes compostas por palavras complexas no português brasileiro com leituras composicional e idiomática, analisando os prefixos e os sufixos. Um exemplo é a raiz que cria os verbos correr, recorrer, socorrer, ocorrer etc. A mesma raiz que também cria os nomes corrente, socorrista, ocorrência etc. Pederneira (2010), baseada na MD, relacionou verbos denominais prefixados no português brasileiro, com dados de significado irregular, à reanálise estrutural, de modo que, com a perda da composição sintática da palavra-base, as palavras derivadas com um categorizador a mais tornam-se a primeira camada, e uma nova raiz é criada, com a primeira sílaba semelhante ao prefixo por questões fonológicas apenas. Dessa forma, a hipótese é a de que os níveis de percepção do falante com relação aos prefixos é maior quando a sintaxe e a semântica são mais transparentes.

PALAVRAS-CHAVE: Estrutura de palavras complexas; Interface Sintaxe-Semântica na formação de palavras; Reanálise semântica de prefixos.

ABSTRACT

This monograph aims to relate the theory of grammar with the explanation for the formation of complex compositional and idiomatic words, considering the morphological reanalysis from the derivation by prefixation and suffixation. There are two possible constructionist Grammar models in Generative Grammar to analyze structural reanalysis data in words: Distributed Morphology – MD – (MARANTZ, 1997) and Exoskeletal (BORER, 2003). The model assumed in this work is that of Distributed Morphology, which makes a distinction between the meaning of the unit composed of a root plus a categorizer - arbitrary - and units composed of recategorizations of this first word - compositional. In addition, there are still complex words that can undergo structural reanalysis, due to linguistic changes that occur in the passage from one generation of native speakers to another, resulting in idiomatic readings. Therefore, we will study root families composed of complex words in Brazilian Portuguese with compositional and idiomatic readings, analyzing prefixes and suffixes. An example is the root that creates the verbs to run, to resort, to succor, to occur, etc. The same root that also creates the names current, rescuer, occurrence etc. Pederneira (2010), based on MD, related prefixed denominal verbs in Brazilian Portuguese, with data of irregular meaning, to the structural reanalysis, so that, with the loss of the syntactic composition of the base word, the derived words with an extra categorizer become the first layer, and a new root is created, with the first syllable similar to the prefix for only phonological reasons. Thus, the hypothesis is that the speaker's perception levels regarding prefixes are higher when syntax and semantics are more transparent.

KEYWORDS: Complex word structure; Syntax-Semantic interface in word formation; Semantic reanalysis of prefixes.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| FIGURA 1 - Arquitetura da Gramática do Lexicalismo | 14 |
| FIGURA 2 - Arquitetura da Gramática da Morfologia Distribuída | 15 |
| FIGURA 3 - Árvore sintática do nome globalização | 18 |
| FIGURA 4 - Árvore sintática do verbo invalidar | 18 |
| FIGURA 5: Árvore sintática do verbo adotar (MD) | 19 |
| FIGURA 6: Árvore sintática do verbo adotar (Exoesqueletal) | 19 |
| FIGURA 7: Árvore sintática do verbo rever | 24 |
| FIGURA 8: Árvore sintática do verbo regredir | 24 |
| FIGURA 9: Árvore sintática do verbo recorrer | 24 |
| FIGURA 10: Árvore sintática do nome naturalidade (composicional) | 28 |
| FIGURA 11: Árvore sintática do nome naturalidade (idiomática) | 28 |
| FIGURA 12: Árvore sintática do verbo construir | 33 |
| FIGURA 13: Árvore sintática do nome omissão | 33 |
| FIGURA 14: Árvore sintática do adjetivo abduzido | 33 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 12 |
| 1.1 Morfologia Distribuída | 14 |
| 1.2 Por que escolher a Morfologia Distribuída? | 16 |
| 2. ANÁLISE DE DADOS | 17 |
| 2.1 Metodologia | 20 |
| 2.2 Prefixos | 22 |
| 2.2.1 Composicionalidade | 22 |
| 2.2.2 Idiomaticidade no nível do prefixo | 23 |
| 2.3 Sufixos | 27 |
| 3. EXPERIMENTO | 29 |
| 3.1 Experimento: Estudo de questionário | 29 |
| 3.2 Método | 29 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 34 |
| ANEXO | 36 |
| REFERÊNCIAS | 44 |

INTRODUÇÃO

O processo de formação de palavras complexas é um fenômeno profícuo no português e, diante disso, é preciso compreender como ele se desenvolve, não só do ponto de vista morfossintático, como também da interface sintaxe-semântica. Na Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997), considera-se que a sintaxe concatena *morfemas* - unidades morfossintáticas abstratas que não possuem traços fonológicos - e não palavras (PEDERNEIRA, 2010). A etapa que consiste na primeira concatenação que ocorre entre uma raiz e o morfema categorizador é fundamental na derivação sintática pela perspectiva semântica, uma vez que o significado da palavra é estabelecido por uma negociação arbitrária nesse estágio da derivação (PEDERNEIRA, 2010). Logo, as raízes, que sozinhas são desprovidas de categoria, são concatenadas aos morfemas categorizadores, formando, então, palavras. Obtém-se um verbo quando uma raiz é concatenada a uma peça verbalizadora - realizadora de evento e estado. Forma-se um nome quando há a concatenação de uma peça vocabular nominalizadora (realizadora de entidade) a uma raiz. Quando a uma raiz se concatena uma peça adjetivadora - realizadora de propriedade - um adjetivo é obtido.

A partir desse processo, outras peças categorizadoras podem ser concatenadas após a primeira concatenação. Devido às novas concatenações, os significados armazenados na Enciclopédia podem ser alterados. Estas alterações podem ser regulares e estabelecidas por uma composição de significados que é um cálculo, não uma nova convenção.

Tabela 1: Formação de palavras complexas composicionais

| | | |
|--|--------------------------------------|--|
| globo ((((glob)Ø)al)iza)ção) | mole ((a(molØ)) ecer) | explicar ((in)(((explic)á)vel))) |
| nação ((((nac)ion)al)iza)ção) | grande ((en(grandØ)) ecer) | pagar (((pag)á) vel) |
| espécie (((especiØ)al)iza)ção) | louco ((en(louquØ)) ecer) | admirar (((admir) á) vel) |

Fonte: Pederneira e Lemle (2009)

Na primeira coluna da tabela 1, as palavras globo, nação e espécie são nomes que possuem seu significado convencionalizado. A partir deles, obtém-se adjetivos, verbos e nomes derivados, os quais têm seu significado calculado composicionalmente. De maneira similar, o

mesmo processo ocorre com os adjetivos mole, grande e louco e seus verbos derivados, presentes na segunda coluna, assim como com os verbos explicar, pagar e admirar e os adjetivos deles derivados, encontrados na terceira coluna. Dessa forma, há uma interpretação sistemática das palavras derivadas, cujos significados são computados de forma contínua ao passo em que vão sendo concatenados novos morfemas categorizadores à palavra-base (PEDERNEIRA & LEMLE, 2009).

Com base na Morfologia Distribuída (MD), Pederneira (2010) relacionou o significado irregular de verbos denominais prefixados no português brasileiro à reanálise estrutural. Dessa forma, com a perda da composição sintática da palavra-base, as palavras novas derivadas contendo um prefixo tornam-se a primeira camada, criando uma nova raiz, que possui a primeira sílaba semelhante ao prefixo por questões meramente fonológicas. Tais resultados foram interpretados como possíveis reanálises de raízes, como por exemplo, o prefixo a- do verbo “arrumar”, dado o significado irregular desse verbo a partir do nome “rumo”.

Fundamentado em Pederneira (2010), mas ampliando as classes de palavras analisadas na ocasião, o foco deste estudo é averiguar quais são os níveis de percepção de transparência do prefixo no português brasileiro. Para isso, três grupos serão fundamentais para essa análise. O primeiro grupo corresponde a palavras semanticamente regulares, tais como prever e repor, em que é possível identificar uma relação mais isomórfica nas camadas que compõem cada verbo. Em segundo lugar, serão analisadas palavras semanticamente irregulares com raízes existentes na língua portuguesa, como, por exemplo, revista e ocorrer, o qual não fica muito clara a presença de ver e vista, no primeiro caso, e de correr, no segundo caso, havendo, portanto, uma possível reanálise da estrutura. O terceiro e último grupo é composto por famílias de palavras derivadas de raízes etimológicas perdidas, como observamos em construir e emitido, em que, com o passar das gerações, raízes como $\sqrt{\text{stru-}}$, $\sqrt{\text{mit/met}}$ passaram a não existir sincronicamente no português brasileiro.

Dessa forma, essa monografia foi dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, foi feita uma contextualização da fundamentação teórica, explorando algumas características da Gramática Gerativa, de modo a apresentar o modelo teórico escolhido para a análise: Morfologia Distribuída (MD). Além disso, ainda neste capítulo, apresentaremos as considerações responsáveis pela motivação que me levou a optar pela MD como uma arquitetura de gramática relevante para esse trabalho.

No segundo capítulo, foi desenvolvida a análise de dados, que focaliza a estrutura interna das palavras e apresenta como o modelo teórico escolhido lida com o ponto de

incidência saussuriana e as recategorizações, local em que recaem as reanálises, foco dessa pesquisa. Em seguida, deparamo-nos com a metodologia utilizada para analisar esses dados, dividida em três etapas. A partir dessa metodologia, o objetivo dessa monografia é analisar as palavras complexas do português brasileiro com prefixos de diferentes graus de transparência morfossemântica a fim de identificar os níveis de percepção dos falantes. Para isso, ainda no segundo capítulo, foram apresentados os prefixos, bem como os grupos que possibilitaram essa análise, formados por palavras composicionais, idiomáticas e derivadas de raízes perdidas sincronicamente. Além do mais, são apresentados os sufixos e seu modo de análise com base na MD e a hipótese para os limites das idiomatizações.

Essa análise de dados motivou a elaboração de um experimento para que seja confirmada a hipótese de que há um maior reconhecimento dos prefixos nas palavras quando existe uma relação sintaxe-semântica mais transparente na estrutura. Sendo assim, no último capítulo, desenvolvemos um teste de questionário para observar a reanálise de prefixos. O teste foi feito por meio do Google Forms e os voluntários, de maneira intuitiva e consciente, deveriam marcar sim ou não para a pergunta acerca da existência de prefixos nos vocábulos previamente delimitados em conjuntos diferentes. As palavras foram escolhidas intencionalmente e postas em uma ordem aleatória, para que, mesmo em processo consciente, pudessemos delimitar uma margem de segurança em relação à possibilidade de automatização do processo.

Por fim, tecemos as considerações finais sobre a temática de reanálise de palavras com prefixos e suas relações etimológicas, bem como apresentamos nossas intenções para os novos estudos no campo da linguística gerativa.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A teoria Gerativista (CHOMSKY, 1957) compreende a capacidade linguística como uma dotação genética inerente aos seres humanos. A essa disposição genética deu-se o nome de Faculdade da Linguagem. Dessa forma, os indivíduos nascem com essa capacidade e necessitam apenas ser expostos ao input, ou seja, dados linguísticos que os farão adquirir naturalmente uma língua. Essa concepção afasta-se da visão de que mente é como uma tábula rasa, sendo preenchida de “fora para dentro”, tal qual defendiam as teorias behavioristas (SKINNER, 1953) e construtivistas (PIAGET, 1959).

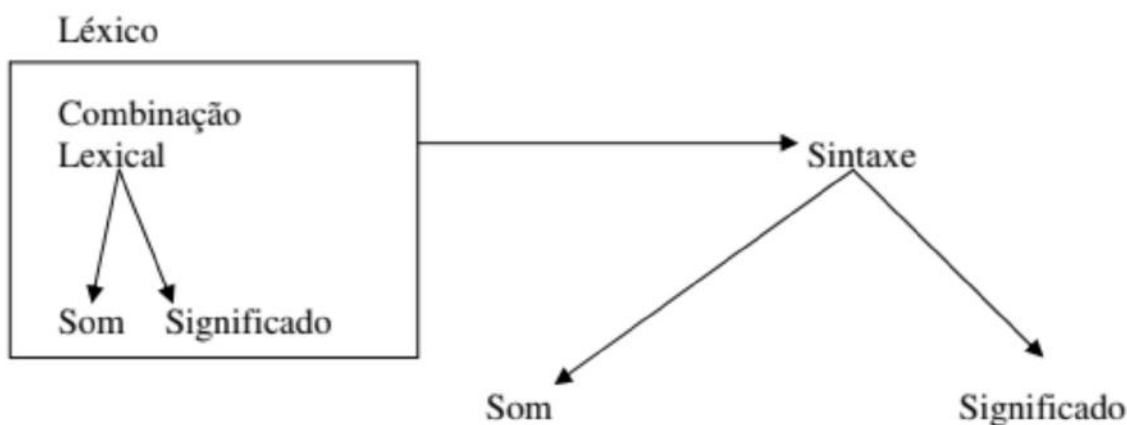
A Faculdade da Linguagem é composta por Princípios e Parâmetros. Os Princípios são as leis gerais válidas para todas as línguas naturais, podendo ser também denominada de Gramática Universal - isto é, estado inicial para o desenvolvimento da gramática na mente do bebê, sendo a responsável pelo início do processo da aquisição da linguagem e pelo progresso da(s) língua(s) particular(es) com as quais o indivíduo entra em contato - e Parâmetros, que são as propriedades que uma língua pode ou não apresentar, diferenciando-as umas das outras, o estágio final do processo de aquisição. Sendo assim, uma sentença que viola um Princípio não é tolerada em nenhuma língua natural, possivelmente devido à forma como o cérebro/a mente da espécie humana funciona, entretanto, uma sentença que não atende a algum fenômeno paramétrico pode ser gramatical numa língua e agramatical em outra. O modelo teórico da Gramática Gerativa tem como objetivo a formulação de Princípios das línguas naturais. A Gramática Gerativa interessa-se mais pelo estudo dos Princípios do que dos Parâmetros, porém, só é possível estudar o primeiro através do segundo. Dessa forma, vê-se que essa é uma análise preditiva, visto que, a partir desse padrão, torna-se viável a formulação de regras que consideram todas as línguas naturais.

Em termos de predição teórica, o conceito principal é a recursividade, que pode ser julgada como encaixe de sintagmas, mas essa não é sua única função, já que a recursão não está restrita a questões linguísticas, como a recursividade em questões matemáticas, em que, por exemplo, ao efetuarmos a operação de adição $1+1+1+1\dots$, nota-se que esse processo de encaixe pode ser realizado ilimitadamente. Sendo assim, vê-se que a recursividade é um processo, teoricamente, infinito, porém há questões que nos impedem de continuá-lo infinitamente (tal como a memória e a própria finitude da vida). Essa infinitude do processo explica os papéis de competência e desempenho, pois, de acordo com a competência, pode-se realizar a recursão infinitamente, mas o desempenho impede essa ação; além disso, demonstra a concepção da modularidade da mente - ideia de que a mente possui especializações que se materializam em módulos mentais responsáveis por aspectos distintos da gramática - e, portanto, a interface entre a linguagem e a memória. Um bom exemplo dessa interface é a brincadeira do telefone sem fio, que, por mais que tenhamos a capacidade de encaixar os sintagmas de modo ilimitado, a partir de um determinado número de encaixe, nossa memória começa a falhar, evidenciando essa interdependência entre os módulos mentais.

Através da teoria Gerativa, surgem os modelos de gramática conhecidos como Lexicalismo (CHOMSKY, 1995; JACKENDOFF, 1992; LEVIN, 1999 etc) e Construcionismo (MARANTZ, 1997; BORER, 2003, 2005a, 2005b etc).

No Lexicalismo, as palavras são criadas no léxico através dos processos distintos dos processos sintáticos. Dessa forma, parte da fonologia e da relação entre estrutura e significado é estabelecida no léxico, à medida em que outros aspectos fonológicos e da conexão entre estrutura e significado são derivados ao longo da sintaxe (MARANTZ, 1997). O léxico é tido como uma unidade independente, um átomo repositório da sintaxe, isto é, ele vai abastecer as operações sintáticas. Além disso, Jackendoff defende que as expressões idiomáticas também vão para o léxico (JACKENDOFF, 1992). O esquema abaixo representa a ideia do modelo.

Figura 1: Arquitetura da Gramática do Lexicalismo



Fonte: Medeiros (2008)

1.1 Morfologia Distribuída

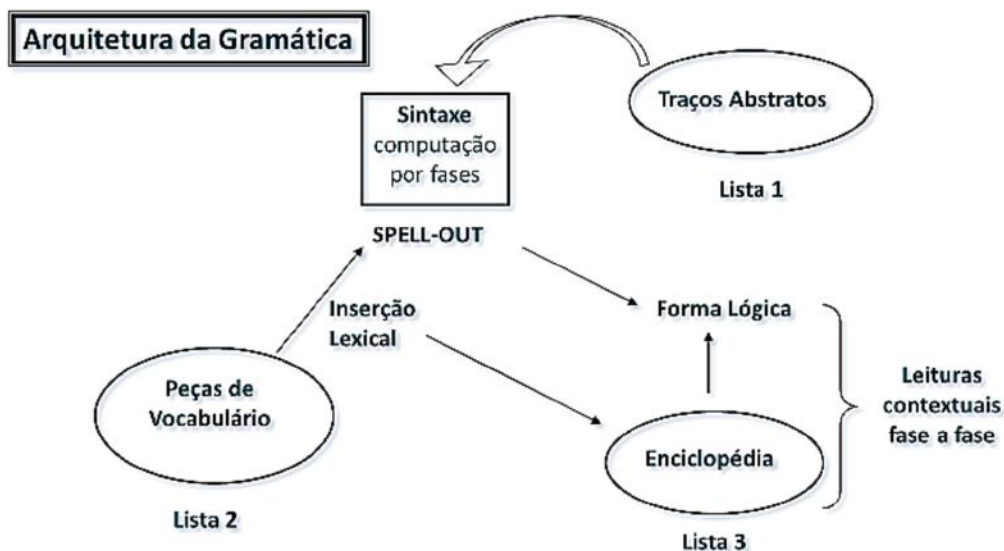
Em oposição a essa perspectiva, surgem os modelos construcionistas de gramática Gerativa. O construcionismo dará conta da formação sintática e suas interfaces de maneira diferente e, como consequência, haverá uma mudança na arquitetura da gramática. Na Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997), o léxico é explodido e substituído por listas distribuídas, as quais são acessadas no decorrer da derivação.

A Lista 1 (ou lista dos traços abstratos) fornece as unidades que serão operadas pela sintaxe, é onde estão armazenadas raízes e morfemas abstratos para o sistema computacional, que são peças acategoriais ao passo que possuem informação conceitual. Nessa lista, a informação fonológica tida nas raízes comportam-se somente como um identificador formal. Segundo Medeiros (2008), é possível que, das três listas, essa seja a que mais substitui o

Léxico dos modelos lexicalistas. É a Gramática Universal que determina essa lista e apenas esta é considerada gerativa.

Após essa etapa, a Lista 2, que é a lista dos componentes fonológicos, fornece as formas fonológicas para os nós terminais sintáticos. Após a sintaxe, ocorre, por fases, a inserção das peças vocabulares, que apenas serão inseridas em posição prevista por um morfema se seus traços corresponderem totalmente ou em parte. Caso haja alguma divergência entre a peça vocabular e o morfema, a inserção lexical não poderá ocorrer. Dessa forma, esses itens passam a competir para a inserção no nó terminal e vence a disputa aquele que possui os traços mais especificados para esse nó. Essa lista já obedece aos parâmetros das línguas.

Figura 2: Arquitetura da Gramática da Morfologia Distribuída



Fonte: Pederneira e Lemle (2020)

Por fim, na Lista 3, conhecida por Enciclopédia, é o lugar na derivação onde é composta a relação arbitrária entre forma e significado, resultante da primeira concatenação de uma peça categorizadora a uma raiz. No caso de haver recategorizações, alterações regulares são feitas no significado convencionado na Enciclopédia, que é um cálculo, não uma nova convenção. É nessa lista que serão fornecidos os significados especiais de raízes particulares em contextos sintáticos específicos. Essa lista também não é gerativa, no entanto, ela pode expandir-se.

Devido ao fato de ser um modelo de gramática construcionista, portanto, não-lexicalista, a Morfologia Distribuída apresenta semelhanças com outros modelos dessa

abordagem. Entretanto, três fundamentos fazem-se diferir de tais vertentes teóricas, são elas: a Inserção Tardia, a Subespecificação e a Estrutura Sintática Hierarquizada *All the way down*. (Halle & Marantz, 1994)

Na Morfologia Distribuída, as categorias sintáticas não apresentam conteúdo fonológico, ou seja, elas são simples e unicamente abstratas. Dessa forma, a Inserção Tardia é uma propriedade da MD que possui esse nome porque somente depois da ocorrência de todas as operações sintáticas e morfológicas realizadas é que os itens de Vocabulário (formas fonológicas) serão inseridos nos nós terminais sintáticos. Esse fenômeno é diferente do que ocorre nas teorias lexicalistas, uma vez que, nesse modelo teórico, os itens já entram “prontos” no sistema computacional, com conteúdo fonológico.

A Subespecificação recebe essa nomenclatura porque as expressões fonológicas não precisam ser completamente especificadas em relação aos traços fonológicos que as compõem para serem inseridas nos nós terminais sintáticos. Como exemplo, tem-se o item verbal flexionado “estava”, que é subespecificado para pessoa, podendo preencher mais de um feixe de traços morfossintáticos. Dessa forma, ele pode ser interpretado como 1ª pessoa do singular (eu estava), 2ª pessoa do singular (você estava) e 3ª pessoa do singular (ele/ela estava).

Por fim, a estrutura sintática hierárquica *All the way down* significa que os nós terminais em que os itens de Vocabulário serão inseridos são organizados em estruturas hierarquizadas definidas por princípios e operações sintáticas. O termo *All the way down* quer dizer que a estrutura hierárquica vai até as palavras, ou seja, elas também são produtos da sintaxe.

1.3 Por que escolher a Morfologia Distribuída?

O modelo de Gramática Gerativa utilizado neste trabalho é o da Morfologia Distribuída - MD - (MARANTZ, 1997). A MD é uma versão não-lexicalista de Gramática Gerativa, que faz uma distinção entre significados arbitrários - isto é, em que o significado da unidade é composto por uma raiz mais um categorizador - e composicional - unidades compostas por recategorizações desta primeira palavra. Além disso, estabelece uma análise para palavras idiomáticas e, no âmbito geral, oferece ferramentas sintáticas para analisar as palavras internamente.

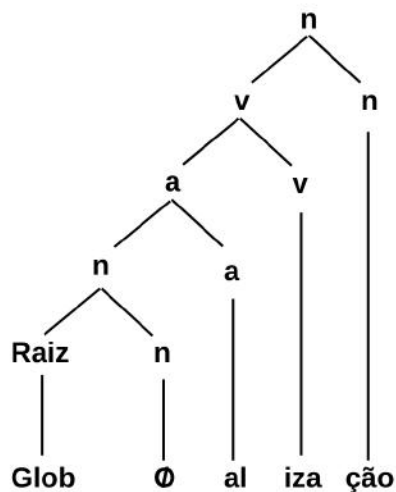
Ambas as teorias construcionistas de Gramática Gerativa - Morfologia Distribuída e Exoesqueletal - lidam com a formação interna das palavras. É importante ressaltar, portanto,

que a escolha pela MD deu-se apenas devido a um recorte teórico nesta etapa de estudo. Nesse sentido, cabe evidenciar as razões para essa predileção. Medeiros (2008) destacou três motivos para essa seleção, a primeira seria um argumento em contraposição à Hipótese Lexicalista, a qual defende que a sintaxe não manipula ou possui acesso ao interior das palavras e que a palavra é o lugar de diversos tipos de idiossincrasias. Segundo o autor, tal postulação levanta uma questão bem complexa: “como definir teoricamente a noção de *palavra*?”. A segunda explicação tem relação com a ideia de que a Morfologia Distribuída apresenta a vantagem de não necessitar de operações lexicais especiais distintas das operações sintáticas de concatenar e mover (CHOMSKY, 1995). Por último, a terceira razão a favor da MD ocorre devido ao fato dessa abordagem possuir um ótimo tratamento para as formas subespecificadas em termos de traços morfossintáticos, o que é fundamental para esse trabalho uma vez que estamos lidando com reanálise de palavras, em que determinadas peças de vocabulário (nesse caso o prefixo) transformam-se meramente em pedaços fonológicos.

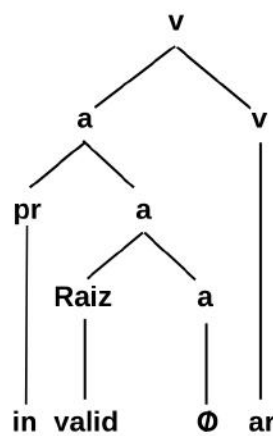
2. ANÁLISE DOS DADOS

Esse trabalho irá analisar a composicionalidade e a idiomatidade nas camadas de prefixos e sufixos. Para isso, serão analisadas famílias de palavras que compartilham raízes, como as de vir, verter e correr (LEMLE, 2005), bem como as famílias dos verbos ver, ter, por, ceder e portar e raízes como $\sqrt{\text{stru-}}$, $\sqrt{\text{mit/met-}}$, $\sqrt{\text{gred-}}$, $\sqrt{\text{duz-}}$ e $\sqrt{\text{dic-}}$, que formam palavras como construir, emitir/submeter, agredir, induzir e dedicar, respectivamente. O trabalho apresentará a reanálise de prefixos no português brasileiro, com dados de significado irregular, como “arrombar”, proveniente do nome “rombo”, a partir das perspectivas de um dos modelos construcionistas de Gramática Gerativa - a MD.

As teorias construcionistas divergem sobre o local da incidência da arbitrariedade saussureana. Enquanto na MD ocorre entre a raiz e o primeiro morfema categorizador, a Exoesqueletal defende que essa incidência pode ocorrer em qualquer ponto da derivação, como é possível observar nos exemplos abaixo.

Figura 3: Árvore sintática do nome globalização

Fonte: Elaboração própria

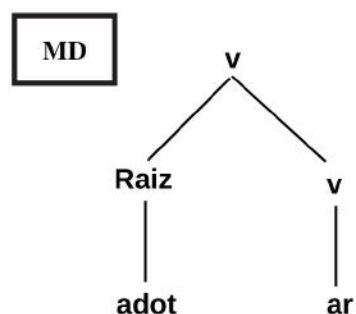
Figura 4: Árvore sintática do verbo invalidar

Fonte: Elaboração própria

De acordo com a Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997), um morfema categorizador é um componente essencial do contexto sintático que transforma uma raiz em um nome, um verbo ou um adjetivo. Desse modo, na junção da raiz com o primeiro morfema categorizador é que há a negociação do significado. A partir dessa concepção, pode-se analisar as palavras globalização e invalidar.

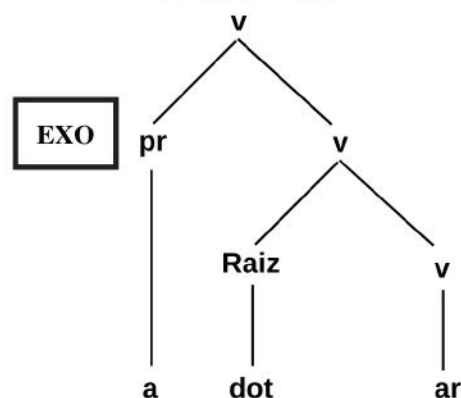
O ponto da negociação do significado ocorre na concatenação da raiz $\sqrt{\text{glob}}$ (de globo) e da raiz $\sqrt{\text{valid}}$ (de válido) + o morfema categorizador que, em ambos os casos, será fonologicamente \emptyset , mas estará morfologicamente marcado. Logo, há a palavra globo dentro da palavra globalização, e válido dentro de invalidar. Essa derivação ocorre por meio de uma negociação composicional de significado, o que indica que não há falta de isomorfia entre a estrutura e o significado. Sendo assim, é em globo e válido que há a incidência da arbitrariedade do signo e, através de acréscimos regulares de significado, surgem global, globalizar e globalização, bem como inválido e invalidar.

Figura 5: Árvore sintática do verbo adotar (MD)



Fonte: Elaboração própria

Figura 6: Árvore sintática do verbo adotar (Exoesqueletal)



Fonte: Elaboração própria

Ao analisar palavras complexas, devido ao processo de reanálise estrutural, elas podem deixar de ser complexas, segundo a MD (MARANTZ, 1997). Assim, através de um experimento psicolinguístico, Pederneira *et al.* (2012) verificou a reanálise estrutural do verbo adotar, visto que os falantes nativos não o interpretam mais como um verbo denominal, mas sim como uma nova raiz, isto é, ao não considerar que dentro de adotar existe o verbo dotar, significa que uma reanálise dessa estrutura precisa ser feita, porque seriam palavras com significados idiomáticos (PEDERNEIRA, MELO, SILVA & LEMLE, 2012).

Como a exoesqueletal apresenta o conceito de idiomatização tardia, o que significa que a arbitrariedade do signo pode recair sobre outros pontos da derivação, não haveria necessidade de que o significado arbitrário recaísse, necessariamente, entre a raiz e o primeiro morfema categorizador (ou em núcleo de fase). Com isso, há a hipótese de que esta abordagem, do ponto de vista derivacional, possa ser mais adequada que a MD. Nessa perspectiva, com a exoesqueletal, é possível considerar a estrutura do verbo "dotar" dentro da de "adotar", enquanto que o significado pudesse recair no mesmo lugar: na entrada do prefixo + verbalizador. No modelo de Borer, ao contrário da Morfologia Distribuída, é possível conjecturar uma separação entre o prefixo e a raiz, porque, embora tenha a leitura de "adotar" como idiomático, a estrutura seria complexa e o prefixo não faria parte da raiz, sendo esta somente $\sqrt{\text{dot}}$, contribuindo para que haja um verbo com um prefixo separado. Por isso, a leitura seria feita posteriormente, não sendo, portanto, uma reanálise da estrutura.

Por essa razão, esse trabalho busca olhar para as reanálises dos prefixos buscando compreender os níveis de percepção dos falantes acerca da transparência dos prefixos no

português brasileiro. Nesta monografia, no entanto, os dados serão analisados à luz da Morfologia Distribuída, para que no próximo passo da pesquisa, que será dado no Mestrado, possamos confrontar esses e outros dados a partir também do modelo da Exoesqueletal.

2.1 Metodologia

Os dados da pesquisa foram, primordialmente, provenientes de introspecção linguística, mas também partiram de busca em sites e contribuições de outros falantes nativos. Com o término da coleta de dados, houve uma divisão para a análise em três etapas.

Primeiramente, as palavras foram separadas em famílias que compartilham raízes, ainda que apenas etimologicamente, tal como a raiz $\sqrt{\text{corr-}}$, que cria os verbos correr, recorrer, socorrer, decorrer, incorrer, decorrer, ocorrer etc. A mesma raiz que também cria os nomes/adjetivos corrente, socorrista, ocorrência etc. Para esta etapa, foram escolhidas as seguintes famílias de palavras que compartilham as raízes $\sqrt{\text{v-}}$ (vir), $\sqrt{\text{vert-}}$ (verter), $\sqrt{\text{corr-}}$ (correr), $\sqrt{\text{v-}}$ (ver), $\sqrt{\text{t-}}$ (ter), $\sqrt{\text{stru-}}$ (destruir), $\sqrt{\text{p-}}$ (por), $\sqrt{\text{mit-}}$ (emitir/submeter), $\sqrt{\text{gred-}}$ (gredir), $\sqrt{\text{ced-}}$ (ceder), $\sqrt{\text{port-}}$ (portar), $\sqrt{\text{duz-}}$ (duzir) e $\sqrt{\text{dic-}}$ (dicar).

Tabela 2: Representação da etapa 1

| |
|---|
| <p>Derivadas de correr:</p> <p>Socorrer, socorro, socorrista, ocorrer, decorrer, recorrer, recurso, recorrência, recorrente, ocorrência, discorrer, discurso, discursar, discursivo, discussão, decorrer, acorrentar, concorrer, concurso, concorrência, correria, corrente, concorrente, curso, cursor, incorrer, inoocorrência, precursor.</p> |
|---|

Fonte: Elaboração própria

O segundo passo é separar as palavras formadas por prefixação, sufixação e por ambas ao mesmo tempo, tal como advir, ventura e desaventurar, respectivamente.

Tabela 3: Representação da etapa 2

| | |
|----------------|---|
| Prefixo | socorrer, incorrer, decorrer, recorrer, discorrer, concorrer, ocorrer |
| Sufixo | corrida, cursor, correria, corrente, curso, corredor |

| | |
|-------------------------|---|
| Prefixo e Sufixo | socorro, socorrista, recorrência, recorrente, ocorrência, discurso, decorrência, acorrentar, incorrência, precursor, recurso, discursar, discursivo, discussão, concurso, concorrência, concorrente |
|-------------------------|---|

Fonte: Elaboração própria

Por fim, fez-se a distinção das famílias de palavras em conjuntos de formação que são semanticamente regulares das que são semanticamente irregulares. Por exemplo, dependendo do contexto sintático, o verbo *importar*, derivado por prefixação de *portar*, pode ter leitura tanto composicional quanto idiomática. Na sentença “Eu vou importar um carro da Itália”, o verbo apresenta uma leitura composicional. Já na sentença “Minha mãe se importa com a minha irmã” tem-se uma leitura idiomática.

Tabela 4: Representação da etapa 3

| | |
|-------------------------|---|
| Prefixo | socorrer, incorrer, decorrer, recorrer, discorrer, concorrer, ocorrer |
| Sufixo | corrida*, cursor, correria*, corrente*, curso, corredor* |
| Prefixo e Sufixo | socorro, socorrista, recorrência, recorrente, ocorrência, discurso, decorrência, acorrentar, incorrência, precursor, recurso, discursar, discursivo, discussão, concurso, concorrência, concorrente |

Legenda:

- Preto: composicional
- Vermelho: Idiomático
- *: composicional e idiomático (a depender do contexto)

Fonte: Elaboração própria

As palavras grifadas em vermelho são as semanticamente irregulares. Nas tabelas, há verbos, nomes e adjetivos, e algumas palavras exercem mais de uma função. Além disso, as palavras que contém o asterisco no final podem ser consideradas composicionais e idiomáticas ao mesmo tempo, como é o exemplo de corredor, que pode significar tanto aquele que corre, como uma passagem que liga os cômodos de uma casa ou edificação.

A partir dessa metodologia, o trabalho consiste em analisar as palavras complexas do português brasileiro com prefixos de graus diferentes de transparência morfossemântica - bem como o prefixo re- em *rever* (alto grau de transparência) e em *revista* (baixo grau de transparência) e com múltiplas camadas de sufixação. Os dados foram analisados com fundamento nas predicções teóricas e estruturais do modelo construcionista de Gramática Gerativa: Morfologia Distribuída.

2.2 Prefixo

Neste capítulo, será abordado o que é um prefixo e suas repercussões para a reanálises de famílias morfológicas. Sendo assim, haverá um foco em em prefixos concatenados a raízes verbais, nominais e adjetivais, a partir da ótica da Morfologia Distribuída.

2.2.1 Composicionalidade

Há palavras em que o prefixo é nitidamente percebido, sejam elas nomes, verbos ou adjetivos. Na maior parte dos casos, esses prefixos possuem uma carga semântica que, quando concatenados a uma raiz, produzem uma composição regular de significado. Por outro lado, há aqueles que passaram por uma perda semântica na passagem de uma geração de falantes a outra. Sendo assim, as palavras derivadas com um categorizador a mais tornam-se a primeira camada e uma nova raiz é criada, com a primeira sílaba semelhante ao prefixo por questões fonológicas apenas.

Um exemplo elaborado por Lemle (2007) e reiterado por Pederneira (2010) é o dos pares *longo* e *alongar* e *destro* e *adestrar*. Quando fazemos uma comparação entre os pares citados, nota-se que a palavra *longo* está contida dentro de *alongar*, uma vez que esse verbo significa “tornar longo”. No entanto, o mesmo não ocorre com os pares *destro* e *adestrar*, visto que *adestrar* não significa “tornar destro”, mas sim “tornar alguém hábil em determinada coisa”. Dessa forma, tal divergência reflete nas estruturas dos vocábulos, fazendo com que haja uma reanálise na estrutura do segundo par, visto pela ausência do traço de adjetivo: $[[a + longo]_r + ar]_v$ e $[[a + destr]_{r+} ar]_v$.

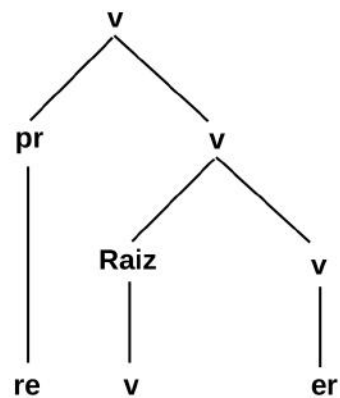
Nessa perspectiva, os prefixos serão estudados como um fenômeno de reanálise linguística. Para isso, através de métodos introspectivos (que são válidos na linguística gerativa), é possível fazer um questionamento acerca da presença de prefixos dentro dos vocábulos. Entretanto, essa percepção não é uniforme, o que colabora para que haja o uso de

outras metodologias de análise, como o experimento de questionário, a fim de compreender o papel da semântica nesses casos de reanálise estrutural.

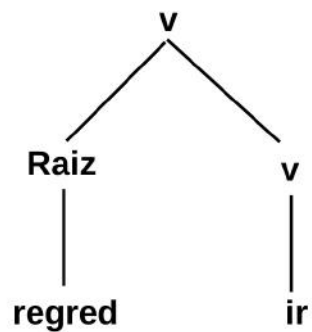
2.2.2 Idiomaticidade no nível do prefixo

Como foi visto na seção anterior, há palavras em que o prefixo é claramente perceptível e em outros casos essa composição não é tão clara. Esta seção terá enfoque nas estruturas pertencentes a esses outros casos, haja vista que é importante analisá-los para compreender a transformação do prefixo em um pedaço meramente fonológico de uma raiz, perdendo a sua identidade morfológica. Pederneira (2010) trouxe a hipótese de que a passagem de uma geração linguística a outra possibilita acréscimos e perdas semânticas aos prefixos e às raízes, o que contribuiria para confecção de uma nova raiz com uma nova carga semântica, etimologicamente independente.

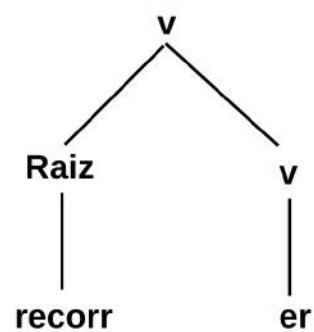
Na tentativa de esclarecer o que foi dito pela autora, vamos observar o prefixo re-. Ao analisar esse prefixo, vê-se que ele pode ser claramente identificado na palavra *rever*, com o significado de ver de novo. Porém, o mesmo não ocorre com o verbo *regredir*. Isso seria devido ao fato da raiz $\sqrt{\text{gred-}}$ ter se perdido sincronicamente no português? A resposta é não, uma vez que também temos a palavra *recorrer*, que não significa correr novamente e, portanto, é idiomática. Embora correr ainda esteja presente na língua portuguesa, nem todos os falantes reconhecem o re- como prefixo. Desse modo, diferentemente de *rever*, tanto em *regredir* quanto em *recorrer* haveria uma reanálise da estrutura, como podemos observar nas figuras abaixo.

Figura 7: Árvore sintática do verbo rever

Fonte: Elaboração própria

Figura 8: Árvore sintática do verbo regredir

Fonte: Elaboração própria

Figura 9: Árvore sintática do verbo recorrer

Fonte: Elaboração própria

Sendo assim, percebe-se que há três grupos de palavras a serem analisadas neste estudo, são elas:

- Palavras com composições regulares com semântica composicional, tais como: prever, invisibilidade e importado (tabela 5);

Presume-se que a maioria dos falantes conseguem notar a existência de prefixos nessas estruturas por haver uma interface sintaxe-semântica mais transparente. Na tabela 4, observa-se que há uma maior regularidade desses prefixos. O prefixo *pre-*, que indica anterioridade, antecedência, exprime bem essa ideia no vocábulo *prever* (ver com antecedência), por exemplo. O mesmo pode ser visto nas palavras que contêm o prefixo *re-*, que traz a ideia de fazer alguma coisa de novo, como vemos em *repor* (pôr de novo) e *rever* (ver de novo). O prefixo *in-* expressa privação ou negação - como em *invisibilidade* (qualidade do que não apresenta visibilidade) - e movimento para dentro - como ocorre em *importação* (portar algo para dentro de algum lugar). Já o prefixo *ex-* carrega a noção de movimento para fora, tal como em *exportar* (ato de portar algo para fora de algum lugar). Por fim, tem-se o prefixo *de-*, que dá ideia de desfazer algo ou tirar do estado de ou tirar algo de, como vemos em *deportado* (quem foi tirado de uma sociedade).

Tabela 5: Palavras com composições regulares com semântica composicional

| | | |
|----------|----------------|------------|
| prever | revisão | previsível |
| repor | invisibilidade | revisor |
| indispor | importação | deportado |
| exportar | exportação | invisível |
| rever | reposição | importado |

Fonte: Elaboração própria

- Palavras com composições irregulares de significado, como: *recorrer*, *revista* e *contente* (tabela 6);

Podemos pressupor que haja um menor reconhecimento de prefixo por parte dos falantes nessas palavras idiomatizadas. Na tabela 5, há uma regularidade menor entre os prefixos e as raízes. Um bom exemplo, é com o mesmo prefixo *re-* já citado anteriormente. Na palavra *revista* há uma idiomatização quando associamos sua significação a uma publicação periódica que contém matérias jornalísticas, esportivas, informações culturais etc.

Por mais que o referido prefixo traga a concepção de fazer alguma coisa novamente, não conseguimos identificar conscientemente essa ideia na palavra apresentada.

Tabela 6: Palavras com composições irregulares de significado

| | | |
|----------|-----------|--------------|
| ocorrer | revista | contente |
| ater | evento | pervertido |
| propor | imposto | adventista |
| socorrer | indicação | detento |
| proceder | propósito | entrevistado |

Fonte: Elaboração própria

- Palavras com raízes perdidas sincronicamente, como, por exemplo: regredir, instrumento e emitido (tabela 7)

Pressupõe-se que a existência de prefixos em palavras derivadas de raízes perdidas não sejam plenamente reconhecidos pelos falantes tal qual os vocábulos com semântica composicional. Na tabela 6, tem-se as famílias de palavras de raízes como $\sqrt{\text{stru-}}$, $\sqrt{\text{mit/met-}}$, $\sqrt{\text{gred-}}$, $\sqrt{\text{duz-}}$ e $\sqrt{\text{dic-}}$, que formam palavras como construir, demitir/promessa, agredir, abduzido e dedicar, respectivamente. Tais raízes não existem mais no português brasileiro, trazendo consequência para o reconhecimento da estrutura.

Tabela 7: Palavras com raízes perdidas sincronicamente

| | | |
|-----------|-------------|-----------|
| construir | instrumento | emitido |
| demitir | destruição | obstruído |
| induzir | omissão | abduzido |
| agredir | progresso | agressivo |
| dedicar | promessa | sedutor |

Fonte: Elaboração própria

Em se tratando dos prefixos, a diminuição do uso de determinadas raízes interfere no reconhecimento da estrutura morfológica [prefixo + raiz] por parte das crianças, mas não afeta o significado do vocábulo no seu contexto de uso, somente suas peças que o compõem. Dessa forma, Pederneira (2010) defende que a estrutura [prefixo] [raiz + verbo], ao ser reanalisada, torna-se apenas [raiz + verbo], sendo esta uma estrutura já prevista pela sintaxe, como ocorre em *regredir* e *recorrer*. Logo, as mudanças linguísticas são capazes de formar uma nova língua, a qual será subordinada aos mesmos princípios de sua língua materna.

Com base nisso, numa tentativa de verificar experimentalmente esse fenômeno de reanálise do prefixo, foi elaborado, no capítulo 3, um experimento de questionário que abrange os três grupos do estudo em questão, visando compreender quais são os níveis de percepção de transparência do prefixo no português brasileiro. A hipótese desse trabalho é a de que quando há uma sintaxe-semântica mais transparente na estrutura, as pessoas reconhecem mais a existência do prefixo.

2.3 Sufixos

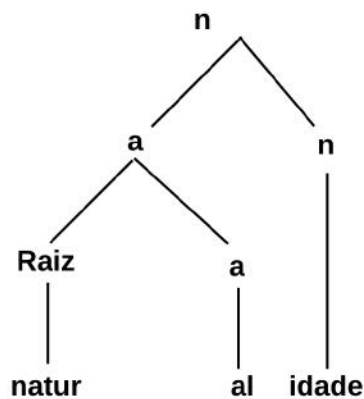
As derivações sufixais são aquelas que ocorrem quando um morfema categorizador é concatenado a uma raiz, que é desprovida de categoria. Na Morfologia Distribuída, é na concatenação do primeiro morfema categorizador a uma raiz que ocorre a negociação de significado, resultando em nomes, verbos e adjetivos. A partir disso, outros morfemas categorizadores podem ser concatenados contribuindo para uma semântica composicionalmente regular. O espaço para a atribuição de novas especificações inseridas pelas concatenações posteriores de morfemas categorizadores é restrito. No entanto, estas não podem contradizer ou desfazer a leitura negociada semanticamente na primeira concatenação.

Pederneira (2010) defende que quando os morfemas funcionais se perdem na passagem de uma geração para a outra, há uma reanálise da estrutura feita pelos falantes da geração atual. Uma vez que a raiz é reanalisada, é possível que novos pontos para a inserção da negociação saussureana sejam criados, bem como as novas derivações composicionais que dela derivam.

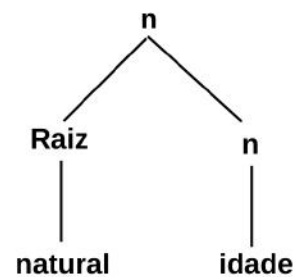
Os nominalizadores, verbalizadores e adjetivadores podem ser concatenados de maneira sucessiva na sintaxe, anteriormente à operação de inserção lexical que ocorre na morfologia de acordo com a MD. Ao término dessas operações, o resultado obtido é encaminhado para o módulo semântico, também conhecido como Enciclopédia. Então, é nessa operação que ambas as leituras - a literal e a idiomática - são derivadas. Nas imagens

abaixo, contendo as estruturas do nome naturalidade, retiradas de Pederneira (2010), é possível observar a mudança da estrutura a depender da leitura que é feita pelo indivíduo. A primeira leitura é feita de modo composicional, em que naturalidade significa “propriedade de ser natural”. Ademais, o termo “natural” também apresenta estrutura interna: natura - que vem de nato (nascido). Já na segunda leitura, a palavra é idiomatizada, significando “lugar de nascimento”.

Figura 10: Árvore sintática do nome naturalidade (composicional) **Figura 11:** Árvore sintática do nome naturalidade (idiomática)



Fonte: Elaboração própria



Fonte: Elaboração própria

Marantz (2001) argumenta que há um limite para a idiomatização, que ocorreria na primeira concatenação de um morfema categorizador a uma raiz. Entretanto, existe a hipótese de que essa restrição para a formação de novas idiomatizações não é tão clara, uma vez que há casos como a série *act*, *react*, *reaction* e *reactionary* (agir, reagir, reação, reacionário), desenvolvida por Hagit Borer, por meio do modelo construcionista intitulado Exoesqueletal, que provam o contrário. Ao atentarmos para a sequência apresentada, é perceptível que o significado de *react* (reagir) não deriva composicionalmente do significado do verbo *act* (agir), e o mesmo ocorre entre *reactionary* (reacionário) e *reaction* (reação), respectivamente. Dessa forma, essa idiomatização poderia cair em camadas mais tardias da derivação, sem que a estrutura interna precisasse ser reformulada.

Com base nisso, talvez o modelo teórico da MD não seja o mais adequado para esse tipo de análise. Sendo assim, em trabalhos futuros, as palavras formadas por derivação sufixal serão analisadas por meio do modelo teórico da Exoesqueletal.

Por isso, o capítulo 3, que consiste na análise experimental, será restrita apenas ao fenômeno da prefixação. Para isso, foi elaborado um teste de questionário que visou observar

os níveis de percepção de transparência dos prefixos no português brasileiro, na tentativa de confirmar a hipótese de maior reconhecimento em contextos em que a sintaxe-semântica é maior, como já foi mencionado anteriormente. Em vista disso, no próximo capítulo, será mostrado como se deu o experimento, ressaltando os métodos utilizados, bem como os resultados encontrados.

3. ANÁLISE EXPERIMENTAL

3.1 Experimento: Estudo de questionário

Nesse experimento, foi criado um teste de questionário no Google Forms, em que os participantes deveriam ler uma palavra e, a partir de sua intuição ou de maneira consciente, marcariam se notavam a presença de prefixos em nomes, verbos e adjetivos. Para isso, houve uma divisão em quatro grupos. O primeiro grupo era composto de palavras composicionais, as quais esperava-se que todos os falantes contemporâneos perceberiam a presença do prefixo, tais como *repor*, *invisibilidade* e *previsível*. O segundo grupo consistia em um conjunto de palavras idiomáticas que, em razão dessa idiomatização, buscava averiguar se o falante ainda consegue identificar conscientemente o prefixo mesmo que haja um novo significado na palavra após recategorizações da mesma, e algumas palavras usadas foram: *ocorrer*, *revista* e *contente*. No terceiro grupo, são encontradas palavras derivadas de raízes perdidas sincronicamente, como $\sqrt{\text{stru-}}$, por exemplo. Com esse grupo, procuramos investigar se a opacidade resultante do fatiamento sincrônico causado pela perda da raiz no português era capaz de influenciar a percepção do falante no que tange à presença do prefixo na palavra, para isso, palavras como *construir*, *instrumento* e *emitido* foram escolhidas. Por fim, o último grupo trazia apenas distratores, ou seja, palavras que não continham prefixos, mas que estavam ali não só como alternativas erradas, como também para apontar equívocos contidos na análise do falante e seu déficit a respeito da noção do termo em questão. O objetivo desse questionário era observar as percepções dos falantes no que diz respeito à composicionalidade dos prefixos e suas possíveis reanálises.

3.2 Método

Participantes

Para a realização desse experimento, contamos com um total de 24 participantes, sendo 12 mulheres e 12 homens. Houve uma divisão em dois grupos, com 6 mulheres e 6 homens em cada grupo etário. O primeiro era composto por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Cardeal Arcoverde, com idades entre 14 e 16 anos. Já o segundo grupo era de alunos que cursam o ensino superior em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com idades entre 20 e 23 anos. Todos eram falantes nativos de português e participaram de forma voluntária.

Procedimentos

O questionário continha uma lista de palavras selecionada pelo experimentador, que apareciam acompanhadas da seguinte frase: “Há algum prefixo na palavra ___?”. A função do participante era escolher entre “sim” ou “não” de acordo com sua intuição/consciência. Antes do procedimento feito com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, foi explicada a noção de prefixo.

Materiais

A opção pelas palavras da lista foi feita com cautela, visando gerar os resultados previstos. Dessa forma, foram escolhidas 36 palavras, divididas em quatro grupos: 9 contendo uma transparência morfossemântica, tal como ocorre em *repor*; 9 contendo uma leitura idiomática, ou seja, palavras que passaram por uma nova atribuição de significado, como em *evento*; 9 contendo raízes perdidas sincronicamente, resultando em palavra que contém suas leituras feitas sem a estrutura composicional interna, como, por exemplo, *obstruído*; já as 9 palavras distratoras continham suas iniciais com a fonologia semelhante a de um prefixo, mesmo não sendo um, como ocorre na palavra *remar*. Com relação à ordem, sua aparição deu-se de maneira aleatória sorteada pela própria plataforma. (cf. Lista completa em anexo 1).

Desenho do experimento e estímulos

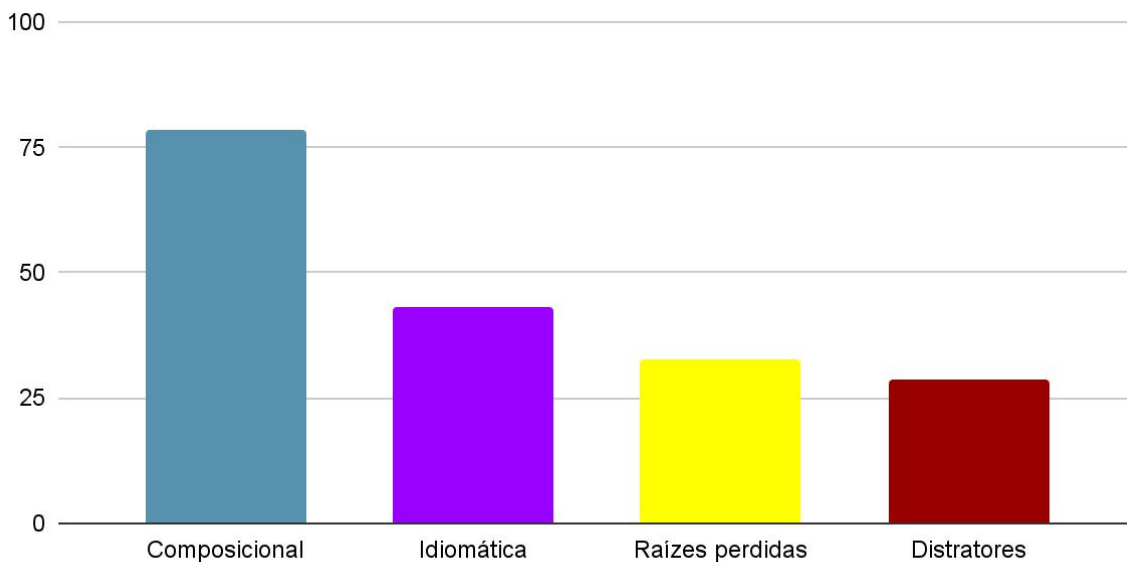
O experimento aparecia para os voluntários como na tabela abaixo: uma lista de 36 palavras (cf. lista completa no anexo 3), em que o prefixo e a raiz poderiam ter uma relação de composicionalidade ou não.

Na hora do procedimento, os participantes foram orientados a responder de acordo com o seu conhecimento/intuição, de modo a não utilizar nenhuma ferramenta de pesquisa ou buscar ajuda de terceiros. Assim, deveria decidir se havia prefixos em determinadas palavras, como repor (grupo 1 - verbo), evento (grupo 2 - nome), obstruído (grupo 3 - adjetivo) e remar (grupo 4 - verbo).

Tabela 1

| |
|--|
| Há algum prefixo na palavra “repor”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “evento”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “obstruído”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “remar”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |

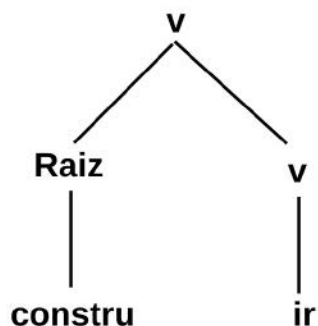
Resultados

Gráfico 1: Resultados**Resultados****Respostas sim**

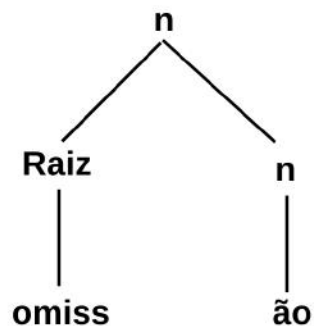
Fonte: Elaboração própria

Os resultados foram compatíveis com as hipóteses levantadas de que, quando há uma sintaxe-semântica mais transparente, as pessoas reconhecem o prefixo na palavra.

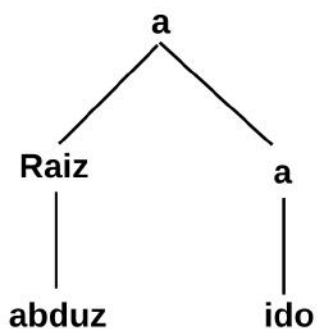
O grupo composto por palavras composicionais obteve um total de 78,6% de respostas sim dos voluntários. No grupo de palavras idiomáticas, o número caiu para 43% de respostas sim, ou seja, há uma diminuição de percepção de prefixos quando a semântica não é tão composicional. Ainda nesse conjunto de palavras, nota-se que as classes gramaticais tiveram resultados distintos. Enquanto que houve 54,1% e 50% de respostas sim para os verbos e os nomes, respectivamente, o número de sim para os adjetivos foi de apenas 24,9%. Em palavras com raízes perdidas, o número foi ainda menor: 32,8% de respostas sim. Isso significa que as palavras estão reestruturadas, isto é, houve uma reanálise dos prefixos, que passaram a fazer parte da raiz, como pode ser visto nos exemplos abaixo.

Figura 12: Árvore sintática do verbo construir

Fonte: Elaboração própria

Figura 13: Árvore sintática do nome omissão

Fonte: Elaboração própria

Figura 14: Árvore sintática do adjetivo abduzido

Fonte: Elaboração própria

Já os distratores obtiveram 28,6% de respostas sim dos indivíduos testados. A fonologia, provavelmente, foi um fator que contribuiu para que esse número fosse um pouco elevado, como é perceptível no vocábulo “concerto”, o qual teve 50% de respostas sim.

No que diz respeito à escolaridade dos voluntários, vê-se que existe uma divergência nas respostas. Nas palavras composicionais, o número manteve-se bem equilibrado, sendo 52,9% das respostas sim pertencendo aos alunos do 9º ano do ensino fundamental e 47,1% aos alunos da graduação. No entanto, há uma distância maior nos outros grupos. Se por um lado os estudantes do ensino superior caíram menos nos distratores (24,4%), por outro lado,

houve uma maior percepção da existência de prefixos nos grupos de palavras idiomáticas e de raízes perdidas pelos alunos do ensino básico (71,2% e 70,5%, respectivamente).

Sendo assim, baseando-se em predições teóricas da MD, as palavras complexas são formadas por meio de dois procedimentos: a primeira concatenação entre uma raiz e um morfema categorizador - resultando em uma leitura arbitrária - e recategorizações após a fixação da leitura convencionada, ocasionando alterações regulares e composicionais na leitura semântica. Posto isso, a junção de morfemas categorizadores distintos a uma mesma raiz é responsável pela formação de famílias de palavras.

Além disso, os recortes e leituras atribuídos às palavras complexas apresentam divergência por parte dos falantes. Tal discordância é reflexo de uma teoria linguística que adota a Língua-I como objeto de estudo. Logo, um mesmo vocábulo pode ser interpretado como composicional por alguns falantes e como negociado em um bloco único, na Enciclopédia, por outros. Do mesmo modo, há falantes que percebem uma palavra como pertencente ao grupo etimológico, ao mesmo tempo em que outros compreendem-na como uma segmentação de peças vocabulares menores sintaticamente estruturadas.

Portanto, conforme os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída, ocorrem contínuas alternâncias entre leituras feitas por cálculo na Forma Lógica e leituras acessadas na Enciclopédia, ocasionado em mudanças diacrônica, uma vez que reanálises linguísticas são feitas por uma nova geração de falantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse panorama, este trabalho teve seu foco nas famílias de raízes que criam palavras complexas no português brasileiro formadas composicional e idiomáticamente por prefixos e sufixos a fim de observar as reanálises de palavras.

Os resultados do experimento teste de questionário confirmaram a hipótese de que as pessoas reconhecem o prefixo na estrutura quando há uma maior transparência entre a sintaxe e a semântica. Assim, as palavras composicionais obtiveram um maior número de reconhecimento da presença de prefixos. Em seguida, com menos da metade da percepção dos falantes, aparecem as palavras idiomáticas. Por fim, vemos as palavras derivadas de raízes perdidas sincronicamente no português. Dessa maneira, percebe-se que, ao haver uma diminuição da frequência de uso da raiz, as crianças passam a não reconhecer a estrutura morfológica [Prefixo + Raiz]. Isso faz com que haja uma reanálise dessa estrutura, passando a

ser reconhecida como [Raiz + Verbo/Nome/Adjetivo], ao invés de [Prefixo + Raiz + Verbo/Nome/Adjetivo].

Logo, reiterando Pederneira (2010) e fundamentado na Morfologia Distribuída, a mudança diacrônica é decorrida dessas reanálises feitas pelos indivíduos da geração atual através dos recortes oferecidos pelas gerações que vieram anteriormente. A partir de constantes leituras feitas por cálculo na Forma Lógica e feitas por acesso à Enciclopédia, novos recortes e convenções ocorrem de maneira contínua

Com relação aos sufixos, trabalhos futuros abordarão os casos dos limites de suas idiomatizações - esse limite também será analisado nos prefixos - com base em outro modelo construcionista de Gramática Gerativa, a Exoesqueletal. Por lidar melhor com casos de idiomatização tardia, o modelo teórico proposto por Borer talvez apresente uma maior adequação linguística com os dados empíricos.

ANEXO**EXPERIMENTO**

“Olá, pessoal! Este formulário apresentará uma lista de palavras e, junto com cada uma delas, aparecerá uma pergunta que deve ser respondida com sim ou não. É fundamental que a resposta de vocês seja com base no(a) seu(a) conhecimento/intuição. Dessa forma, peço não utilizem nenhuma ferramenta de pesquisa ou façam em conjunto.”

Nome completo:

Idade:

Escolaridade:

- 9º ano do Ensino Fundamental
- Graduação

Gênero:

- Feminino
- Masculino
- Outro

LISTA DE PALAVRAS

Há algum prefixo na palavra “repor”?

- Sim
- Não

Há algum prefixo na palavra “prever”?

- Sim
- Não

Há algum prefixo na palavra “exportar”?

- Sim

| |
|---|
| <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “revisão”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “invisibilidade”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “importação”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “previsível”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “revisor”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “deportado”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “ocorrer”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “ater”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “propor”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “revista”? |

| |
|---|
| <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “evento”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “imposto”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “contente”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “pervertido”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “adventista”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “remar”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “dever”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “inteirar”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “exemplo”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “adição”? |

| |
|--|
| <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “concerto”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “resiliente”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “objetiva”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “precário”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “construir”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “induzir”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “demitir”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “instrumento”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |
| Há algum prefixo na palavra “destruição”? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não |

Há algum prefixo na palavra “omissão”?

- Sim
 Não

Há algum prefixo na palavra “emitido”?

- Sim
 Não

Há algum prefixo na palavra “obstruído”?

- Sim
 Não

Há algum prefixo na palavra “abduzido”?

- Sim
 Não

FAMÍLIAS DE PALAVRAS

Derivadas de √v- (vir):

Vinda, vindouro, ventura, provir, proveniente, proveniência, proventos, prevenir, prevenção, preventivo, convir, convencionar, convênio, conveniente, conveniência, convenção, convencional, convento, advém, advir, advenir, advento, adventista, aventura, evento, eventual, eventualidade, desventura, desaventurar, desavença, intervir, interveniente, interveniência, intervenção, interventor, intervencionista, subvencionar, subvenção, inventar, invento, invenção, inventor, invencionice.

Derivadas de √vert- (verter):

Verso versão, versar, versátil, inverter, inverso, inversão, converter, converso, conversão, conversível, conversor, conversa, conversar, conversação, conversacional, perverter, perverso, perversidade, reverter, reverso, reversão, reversível, irreversível, adverso, adversário, adversidade, adversativa, aniversário, universo, universal, universidade, universitário.

Derivadas de √corr- (correr):

Socorrer, socorro, socorrista, ocorrer, decorrer, recorrer, recurso, recorrência, recorrente, ocorrência, discorrer, discurso, discursar, discursivo, discussão, decorrência, acorrentar, concorrer, concurso, concorrência, correria, corrente, concorrente, curso, cursor, incorrer, inoocorrência, precursor.

Derivadas de √v- (ver):

Rever, prever, previsão, revisão, revisor, vidente, vídeo, visual, visualizar, visualização, vidência, visor, viseira, visão, visionário, visto, vista, avistar, vistoria, revisar, revista, revistar, visar, imprevisto, previsto, imprevisível, visível, invisível, previsível, invisibilidade, invisibilizar, visibilidade.

Derivadas de √t- (ter):

Reter, ater, conter, obter, retenção, atenção, atento, atentar, contenção, contente, continência, continente, obtenção, retido, deter, detido, detenção, detentor, contido, incontinência, continental, conteúdo, conteudista, abster, abstenção, abstinência, abstinente, entreter, entretenimento, entretido.

Derivadas de √stru- (destruir):

Construir, destruir, obstruir, instruir, construção, reconstrução, construtor, instrutor, instrução, instrumento, instrumental, obstrução, obstruído, construído, reconstruído, destruição, destruído, construcionismo, construcionista, destruidor, reconstrutor.

Derivadas de √p- (por):

Repor, compor, impor, dispor, reposição, repositório, composição, composto, compositor, imposição, impositor, imposto, impostor, disposição, disposto, propor, proposição, proposta, propósito, supor, suposição, suposto, supositório, composicional, pressupor, pressuposição, pressuposto, indispor, indisposição, decompor, decomposição, decomposto, indisposto, predispor, predisposição, disponível, disponibilizar, indisponível,

composicionalidade, depor, depoimento, depósito, depositar, depositado, recompor, recomposição.

Derivadas de √mit-/met- (emitir/submeter):

Demitir, admitir, emitir, readmitir, demissão, admissão, emissão, emissor, emissário, omitir, omissão, omissor, transmitir, transmissão, transmissor, readmissão, retransmissão, transmitido, retransmitir, retransmissor, demitido, admitido, readmitido, comprometer, remeter, intrometer, prometer, promessa, promissor, comprometimento, compromisso, compromissado, compromissar, descomprometer, descomprometimento, descompromissado, remessa, remetente, intrometido, intromissão, metido, prometido, comprometido, submeter, submissão, submisso, insubmissão, insubmisso, cometer, cometido, cometimento, acometimento, acometer.

Derivadas de √gred- (gredir):

Agredir, progredir, regredir, agressão, agressor, progressão, progresso, progressista, progressiva, agressivo, regresso, regressão, regressiva, regressista, regressar, agredido, regredido, progredido, transgredir, transgressão, transgressor, transgredido, ingresso, ingressar, reingressar, reingresso, congresso, congressista, congregação.

Derivadas de √ced- (ceder):

Suceder, proceder, conceder, preceder, sucessão, sucessor, sucesso, sucedido, processo, procedimento, processar, concessão, concessionária, concedido, precedência, procedente, precedente, procedência, processador, processamento, sucedimento, exceder, excesso, exceção, exceto, excessivo, anteceder, antecessor, interceder, intercessão, reprocessar, reprocessamento, improcedência, improcedente.

Derivadas de √port- (portar):

Importar, exportar, comportar, suportar, transportar, reportar, deportar, aportar, aporte, importante, importação, importância, importado, importadora, exportação, exportador, exportado, comportamento, comportamental, comportamentalista, comportado, suporte,

suportado, suportável, insuportável, transporte, transportação, transportadora, transportável, transportador, reportagem, repórter, reportado, deportado, deportação, porte, porto, aportado, desimportante, desimportância.

Derivadas de √duz- (duzir):

Introduzir, introdução, introdutório, conduzir, condução, condutor, conduzido, induzir, indução, indutivo, deduzir, dedução, dedutivo, reduzir, redução, reduzido, produzir, produção, produtivo, produtor, produzido, improdutivo, reproduzir, reprodução, reprodutor, reproduzido, traduzir, tradução, traduzido, tradutor, introduzir, introdução, introdutor, introduzido, abduzir, abdução, abduzido.

Derivadas de √dic- (dicar):

Indicar, abdicar, dedicar, predicar, contraindicar, indicação, indicativo, indicado, indicador, abdicação, dedicação, dedicatória, dedicado, predicação, predicado, predador, predicativo, contraindicação, contraindicado, abdicado.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

_____. In name only. Structuring sense, Volume I. Oxford: Oxford University Press, 2005a.

_____. The normal course of events. Structuring sense, Volume II. Oxford: Oxford University Press, 2005b.

BORER, H. Exo-skeletal vs. endo-skeletal explanations: syntactic projections and the lexicon. In: MOORE, J. & POLINSKY, M. (eds.). The nature of explanation in linguistic theory. Stanford: CSLI, 2003; p. 31-67.

CHOMSKY, N. (1957). *Syntactic structures*. Mouton.

_____. The minimalist program. Cambridge: The MIT Press, 1995.

HALLE, Morris & Alec Marantz. “Distributed Morphology and the Pieces of Inflection”. In The View from Building 20, ed. Kenneth Hale and S. Jay Keyser. MIT Press, Cambridge: MIT Press, p. 111-176, 1993.

JACKENDOFF, R. S. Languages of the mind: essays on mental representation. Cambridge, MA: MIT/Bradford Press, 1992.

LEMLE, M. (2005). Mudança Sintática e Sufixos Latinos. In: *Linguística*, v. 1, n.1, p. 1- 54.

LEMLE, M.; PEDERNEIRA, I. L. Expressões idiomáticas e ditados populares: A natureza dos saberes. *Revista Linguística (UFRJ)*: Rio de Janeiro, V.16, pp. 1 a 16, 2020.

LEVIN, B. Objecthood. An Event Structure Perspective. In: BILLINGS, S., BOYLE, J. & GRIFFITH, A. (eds.). Proceedings of Chicago Linguistic Society (= CLS), 35, Part 1: Papers from the Main Session. Chicago: University of Chicago, 1999; p. 223–247.

MARANTZ, A. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. In: DIMITRIADIS L. S, A.; SIEGEL, L. (eds.). University of Pennsylvania working papers in linguistics, 4.2. Philadelphia: University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, 1997; p. 201-225.

MARANTZ, A. Restitutive re- and the first phase syntax/semantics of the VP New York University, 2007. Não publicado.

MEDEIROS, A, B. Considerações sobre o prefix Re-. *Alfa*, São Paulo, 56 (2): 583-610, 2012.

PEDERNEIRA, Isabella Lopes; LEMLE, Miriam. Como criamos palavras novas: considerações sobre dois processos de reanálise. *ReVEL*, vol. 7, n. 12, 2009. [www.revel.inf.br].

PEDERNEIRA, I. L.; MELO, R.; SILVA, F. L.; LEMLE, Miriam. Prefixos em verbos: um estudo nas interfaces. *ReVEL*, vol. 10, n. 18, 2012. [www.revel.inf.br].

PEDERNEIRA, I. L. Etimologia e reanálise de palavras. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em linguística da UFRJ. 2010.

PEDERNEIRA, I. L. Implicações teóricas dos verbos leves para o estudo de estrutura argumental. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em linguística da UFRJ. 2015.

PIAGET, J. *A Linguagem e o Pensamento na Criança*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995 (1916).

SKINNER, B. F. *Science and human behavior*, 1953. Disponível em: <http://www.bfskinner.org/newtestsite/wp-content/uploads/2014/02/ScienceHumanBehavior.pdf>. Acesso em: 24 out. 2022.